

A Espia

PAULO COELHO

A Espia

Adaptação de:
Ana Rita Silva

Pergaminho

PARTE 1



ESTIMADO DR. CLUNET,

Não sei o que irá acontecer no final desta semana. Sempre fui uma mulher otimista, mas o passar do tempo está a deixar-me amarga, solitária e triste.

Se tudo correr como espero, o senhor jamais receberá esta carta. Terei sido perdoada. Afinal de contas, a minha vida foi feita cultivando amigos influentes. E irei guardá-la para que, um dia, a minha única filha possa lê-la para descobrir quem foi a sua mãe.

Mas, se estiver errada, não tenho muita esperança de que estas páginas, que consumiram a minha última semana de vida à face da Terra, sejam guardadas. Sempre fui uma mulher realista e sei que, quando um caso está encerrado, um advogado parte para o próximo sem olhar para trás.

Imagino o que acontecerá agora; o senhor é um homem ocupadíssimo, que ganhou notoriedade a defender uma criminosa de guerra. Terá muita gente à sua porta a implorar pelos seus serviços; mesmo derrotado, conseguiu imensa publicidade. Encontrará jornalistas interessados em saber a sua versão dos factos, frequen-

tará os restaurantes mais caros da cidade e será olhado com respeito e ciúme pelos seus confrades. Sabe que nunca houve uma prova concreta contra mim – apenas manipulações de documentos –, mas nunca poderá admitir em público que deixou morrer uma inocente.

Inocente? Talvez esta não seja a palavra exata. Nunca fui inocente, desde que pus os pés nesta cidade que tanto amo. Achei que podia manipular os que queriam os segredos de Estado, achei que alemães, franceses, ingleses, espanhóis jamais resistiriam a quem sou – e acabei por ser eu a manipulada. Escapei de crimes que cometi, sendo que o maior deles foi ser uma mulher emancipada e independente num mundo governado por homens. Fui condenada por espionagem quando tudo o que consegui de concreto foram intrigas nos salões da alta sociedade.

Sim, eu transformei estas intrigas em «segredos» porque queria dinheiro e poder. Mas todos os que hoje me acusam sabiam que não estava a contar nada de novo.

É pena que nunca ninguém vá saber disso. Estes envelopes encontrarão o lugar certo – um arquivo empoeirado, cheio de outros processos, de onde talvez saiam apenas quando o seu sucessor, ou o sucessor do seu sucessor, resolver ganhar espaço e atirar fora os casos antigos.

Nessa altura o meu nome já terá sido esquecido; mas não é para ser lembrada que eu escrevo. O que tento é compreender-me a mim mesma. Porquê? Como é que uma mulher que durante tantos anos conseguiu tudo o que queria pode ser condenada à morte por tão pouco?

Neste momento, olho para a minha vida e entendo que a memória é um rio que corre sempre para trás.

As memórias são cheias de caprichos, imagens de coisas que vivemos e que ainda podem sufocar-nos com um pequeno pormenor, um ruído insignificante. O cheiro de pão a cozer sobe até à minha cela e relembra-me dos dias em que caminhava livre pelos cafés; isso destrói-me mais do que o medo da morte e da solidão em que me encontro.

As memórias trazem com elas um demónio chamado Melancolia; oh, demónio cruel do qual não consigo escapar! Ouvir uma prisioneira a cantar, receber algumas poucas cartas de admiradores que nunca me trouxeram rosas e jasmims, recordar uma cena em determinada cidade, que na altura me passou completamente despercebida, e que agora é tudo o que me resta deste ou daquele país que visitei.

As memórias vencem sempre; e, com elas, chegam demónios ainda mais pavorosos que a Melancolia: os remorsos; os meus únicos companheiros nesta cela, exceto quando as irmãs resolvem entrar e conversar um pouco. Não falam sobre Deus nem me condenam por aquilo que a sociedade chama de «pecados da carne». Geralmente dizem uma ou duas palavras e da minha boca jorram memórias, como se quisesse voltar atrás no tempo, mergulhando neste rio que corre para trás.

Uma delas perguntou-me:

– Se Deus lhe desse outra oportunidade, faria tudo diferente?

Respondi que sim, mas na verdade não sei. Tudo o que sei é que o meu coração é hoje uma cidade-fantasma, povoado por paixões, entusiasmo, solidão, vergonha,

orgulho, traição, tristeza. E não consigo desenvencilhar-me de nada disso, mesmo quando sinto pena de mim próprio e choro em silêncio.

Sou uma mulher que nasceu na época errada e nada poderá corrigir isso. Não sei se o futuro se lembrará de mim, mas, caso isso ocorra, que nunca me vejam como uma vítima, e sim como alguém que deu passos com coragem e pagou sem medo o preço que precisava de pagar.